

ZINE **CONSCIENTE**

#44



O futuro do capitalismo: economia compartilhada e acessibilidade

“Cuidar dos interesses dos nossos vizinhos é essencialmente cuidar do nosso próprio futuro.” Dalai Lama

O pensamento linear simplesmente não tem mais espaço em uma sociedade exponencial. A pandemia de Covid-19 surpreendeu o mundo, acelerando o desenvolvimento de algumas novas tendências e enterrando definitivamente outras práticas. As transformações que vivenciaremos no cenário pós-pandemia virão ainda mais rápido.

Nossa era será indiscutivelmente um divisor de águas: o período anterior ao Covid-19 e o novo normal que emergirá no pós-vírus: o “novo normal”. Experimentaremos uma enorme reestruturação da ordem social e econômica e, entre tantas variáveis envolvidas, uma vem ganhando destaque: a economia compartilhada (*sharing economy*).

Figura 1.0: *Sharing economy.*



Fonte: <http://blog.bccresearch.com/the-future-of-the-sharing-economy>

Tratando-se de economia compartilhada, o Uber certamente é referência como caso de sucesso. Em janeiro de 2016, a companhia estava presente em somente cinco cidades brasileiras, contava com 10 mil motoristas parceiros e ainda nem havia alcançado a marca de um milhão de usuários. Hoje, o Uber atua em mais de 100 cidades brasileiras, já superou a marca de 600 mil motoristas parceiros e registra mais de 22 milhões de usuários ativos.

Como principal opção de mobilidade, a plataforma conecta milhões de usuários a milhares de motoristas que usam a plataforma como geração de renda. Seus serviços estimularam também uma importante reflexão sobre a necessidade de posse do veículo e sobre a direção segura. De acordo com o Uber, o dia e o período com mais registros de viagens no Brasil é exatamente às sextas-feiras por volta de 19 horas, horário habitual dos *happy hours*.

Figura 1.1: Uber: mobilidade e segurança.



Embora indiscutivelmente exitoso, o Uber não é tão inovador assim. A economia compartilhada – que permite a divisão de um produto ou serviço sem que todos precisem adquiri-lo de fato – é uma “reinvenção da roda” possibilitada pelos avanços tecnológicos das últimas décadas. Essas relações de compartilhamento já existem há milhares de anos, porém de modo informal; hoje, assistimos a um rápido ganho de escala.

Outro ponto positivo desse consumo colaborativo é o empoderamento do consumidor, cada vez mais intenso em um ambiente no qual clientes e prestadores de serviço são continuamente avaliados através de rankings e comentários. Esse “olho no olho” é um aspecto determinante no sistema de avaliações, responsável por revelar se aquele for-

necedor ou cliente é uma boa pessoa para negociar, estabelecendo assim um novo patamar para a reputação no mundo virtual.

Sharing economy: economia compartilhada

“Mantenham a mente aberta, assim como a capacidade de se preocupar com a humanidade e a consciência de fazer parte dela.” Dalai Lama

Uma pesquisa sobre a geração dos Millennials (nascidos entre 1980 e 2000) recentemente realizada pelo Goldman Sachs nos Estados Unidos revelou futuras tendências financeiras com base nos hábitos e lifestyle dos entrevistados. O resultado é intrigante, após séculos de desenvolvimento do sistema bancário: 33% dos jovens ouvidos acreditam não necessitar dos serviços de um banco em um período de cinco anos, justificando essa afirmação com uma forte crença de rompimento no atual sistema financeiro – ou seja, a juventude não confia nos bancos. Dentre os empreendedores, 14% utilizam meios alternativos de financiamento sem o envolvimento de bancos, e 50% pensam que startups de tecnologia os substituirão em um futuro próximo (GOLDMAN SACHS, 2020).

Arun Sundararajan, professor de tecnologia, operações e estatística da Stern School of Business, na Universidade de Nova York, ensina que a nova sharing economy apresenta cinco características-chave:

1. Amplamente voltada ao mercado:

A economia compartilhada forma rapidamente mercados que estimulam a troca de bens e o surgimento de novos serviços, aquecendo a economia. Trata-se da concretização de uma vida on demand, como já ocorre no universo digital. O foco do consu-

mo é a experiência, e isso permite, por exemplo, dirigir uma Ferrari por alguns dias (sem precisar pagar IPVA), passar as férias em um barco (sem custos do píer) e usar uma bicicleta diferente a cada fim de semana (sem precisar guardá-la em casa).

2. Capital de alto impacto:

A economia compartilhada favorece a plena utilização de todo tipo de recurso, desde tempo e dinheiro até produtos e habilidades. O modelo faz com que os excessos, tradicionalmente considerados lixo, deem origem a um novo sistema de transação de valores. Habitualmente, nós produzimos, vendemos e eventualmente descartamos algo. Agora, aquela primeira e única transação viabiliza várias outras.

3. Redes de multidão em vez de instituições ou hierarquias centralizadas:

A gentileza entre pessoas que não se conhecem pode virar um negócio, e vice-versa. Através da economia compartilhada, a oferta de mão de obra e capital deixa de ser exclusividade de agregados corporativos e estatais e emerge de toda a sociedade para servir à própria sociedade. As transações futuras passam a ser mediadas por mercados diluídos de multidão, em substituição aos terceiros centralizados.

A TaskRabbit, por exemplo, é uma plataforma na qual pessoas se oferecem para realizar tarefas – como passear com o cachorro, lavar roupas e pintar paredes - para outras que estão sem tempo.

Figura 1.2: TaskRabbit.



4. Fronteiras tênues entre o profissional e o pessoal:

O uso intensivo de tecnologias digitais e redes sociais é um aspecto fundamental da economia compartilhada. As plataformas de compartilhamento funcionam quase completamente por meio de equipamentos de tecnologia digital, como celulares e computadores. Dessa característica decorre outra, que é a criação de sistemas de reputação como forma de solucionar problemas relacionados ao anonimato e à falta de confiança social, especialmente presentes em grandes centros urbanos. Assim, atividades antes consideradas pessoais, como oferecer carona e emprestar dinheiro, são agora intermediadas por plataformas que promovem negociações peer-to-peer (entre indivíduos).

5. Mix de emprego pleno e casual:

Muitos cargos de trabalho de tempo integral estão sendo substituídos por contratos de prestação de serviço esporádicos. De modo geral, a ideia é disponibilizar trabalho ou algum recurso físico para gerar renda – extra ou principal. Aqui, empregos formais são intercalados ou mesmo substituídos por usuários-trabalhadores envolvidos em serviços de economia compartilhada.

A chamada *gig economy*, também conhecida como economia freelancer, é resultante da flexibilização do mercado de trabalho na era digital. Ela é constituída por milhões de trabalhadores que abandonaram o ambiente laboral convencional para conduzir suas próprias vidas profissionais. Assim, o emprego estável, com horários fixos e no escritório de uma empresa, vem sendo substituído por relações de trabalho mais fluidas e sob demanda.

De acordo com o Dicionário de Cambri-

dge, *gig economy* é um arranjo alternativo de emprego, uma forma de trabalho baseada em pessoas que desempenham funções temporárias ou realizam atividades de modo autônomo, pagas separadamente, em vez de trabalhar para um empregador fixo (CAMBRIDGE DICTIONARY, 2020).

De acordo com Alex Stephany, fundador e CEO da Beam, a primeira plataforma online do mundo de crowdfunding em prol de treinamento profissional para pessoas sem-teto, a economia compartilhada apresenta cinco grandes vantagens:

1. Facilidade e desburocratização das trocas e pagamento:

A transformação digital faz os processos fluírem com mais eficiência, reduzindo custos operacionais e protegendo a privacidade e os dados dos consumidores. O excesso de obrigações legais e a dificuldade para o cumprimento dessas exigências, por outro lado, eleva os custos diretos para os empresários e traz insegurança jurídica à economia.

2. Mobilização de recursos parados ou subutilizados:

Carros particulares, por exemplo, são utilizados em média uma hora por dia, o que representa apenas 4% do seu potencial de transporte. Eles circulam com uma média de 1,3 passageiros, embora possam acomodar confortavelmente cinco pessoas – nesse caso, estamos utilizando somente 1% da capacidade deste capital imobilizado durante horas - seja estacionado ou imobilizado no trânsito.

Na Suécia, já existem edifícios residências onde alguns automóveis na garagem fazem parte do condomínio e os moradores podem

usar os que estiverem disponíveis. Em Paris, há anos opera uma rede de veículos elétricos públicos, estacionados em diversos pontos da cidade como inicialmente foi feito com bicicletas. Essas iniciativas possibilitam um uso mais intensivo dos meios de transporte, reduzindo o trânsito e a poluição.

Criada em 2014, a Omni é uma startup que permite que seus usuários aluguem suas coisas menos usadas em São Francisco e Portland, Califórnia. Financiada por aproximadamente 40 milhões de dólares em capital de risco, a Omni anuncia em seu site que “acredita em experiências acima de coisas, acesso acima de propriedade e uma vida mais leve, em vez do peso de nossas posses”.

Figura 1.3: Logo da OMNI.



Nas áreas onde a empresa atua é possível alugar diversos objetos: de livros a skates a partir de 1 dólar por dia. Esse valor não inclui taxas de entrega e devolução para os caminhões da Omni, que rodam pelas cidades diariamente e cobram cerca de 1,99 dólar por trajeto.

O executivo-chefe e co-fundador da Omni, Tom McLeod, afirma que “os empréstimos permitem que os membros da Omni ofe-

reçam seus pertences ‘inativos’ em bom uso a sua comunidade. Queremos mudar o comportamento em torno da propriedade no planeta” (NASDAQ ENTREPRENEURIAL CENTER, 2018).

3. Acessibilidade online com o poder da internet:

A conectividade aqui é vital. Na economia do conhecimento é possível, por exemplo, pesquisar na Wikipédia para converter em enriquecimento social o capital parado de conhecimento de pessoas ao redor de todo o mundo. Tratando-se de finanças, esta mesma conectividade permite desintermediar o crédito, criando uma ponte direta entre quem tem dinheiro parado e quem dele necessita.

A economia compartilhada existe há centenas de anos, desde a época em que cidades eram pequenas e seus habitantes compartilhavam suas posses com os vizinhos. As rápidas inovações tecnológicas das últimas décadas, porém, geraram uma escala absolutamente inédita com as mídias digitais,

4. Aproximação comunitária pelos sistemas de trocas e iniciativas locais:

Nesse cenário de compartilhamento, ganham as empresas capazes de estabelecer laços de confiança e empatia entre seus usuários. A RelayRides, por exemplo, disponibiliza carros para aluguel nos Estados Unidos, apesar de não ter automóveis próprios. Seu papel se resume, basicamente, a oferecer uma plataforma segura para colocar proprietários em contato com locatários. Parte do sucesso, que chega a US\$ 52,5 milhões em investimentos, foi alcançado quando a companhia passou a estimular o contato pessoal entre os usuários no momento do empréstimo. Essa interação favorece o comprometimento das

partes envolvidas; ainda é um aluguel, mas com natureza muito mais amigável.

Figura 1.4: RelayRides.



5. Substituição da compulsão por “possuir” pela praticidade do “acesso”:

Até poucos anos atrás, não era possível ou desejável usar bens dos quais não se possuía a propriedade, exceto casos de aluguéis de imóveis a longo prazo, roupas de festa e outros poucos bens pontuais. Atualmente, por outro lado, a propriedade de um ativo é cada vez menos necessária para fazer uso dele, quanto mais se expandem os serviços e setores dominados pela economia compartilhada.

Milhões de pessoas deixaram de comprar CDs com a chegada dos arquivos digitais de música, e também pararam de alugar filmes que pode ser assistidos online. A posse do objeto ou do espaço não é mais um fim em si.

“A economia criativa, as redes de colaboração, a economia solidária, o princípio do compartilhar e outras iniciativas trazem, sem dúvida, vento fresco ao opressivo sistema corporativo que nos empurra em correrias incessantes para ter mais dinheiro a fim de comprar mais coisas que teremos cada vez menos tempo ou paciência para apreciar” (SUNDARARAJAN, 2019).

Além de todos esses benefícios, cabe destacar também a proeminente questão da sustentabilidade ambiental. Nosso futuro

definitivamente será compartilhado: com o aumento populacional em um planeta de recursos limitados, não há escolhas. Precisamos implementar um sistema cada vez mais colaborativo e integrado para compartilhar recursos físicos e humanos.

A economia compartilhada deve movimentar US\$ 335 bilhões em 2025 (PWC, 2020). Estudos indicam ainda que o modelo pode contribuir com mais de 30% do PIB do setor de serviços no Brasil até este ano. De olho nessas cifras, algumas grandes corporações vêm tentando se aventurar no novo terreno. A montadora alemã Mercedes-Benz já oferece carros em um sistema similar ao utilizado em sites de compartilhamento. O preço é inferior ao de aluguel e a empresa ainda tenta transmitir uma nova imagem para seus consumidores. “Compartilhar é o novo possuir”, afirma a marca alemã em seu site.

No Brasil, a falta de conhecimento dos consumidores sobre os serviços compartilhados ainda é um dos maiores obstáculos para a expansão do modelo para além dos já consagrados setores de transporte e hospedagem - o Rio de Janeiro, por exemplo, já figura como a terceira cidade no ranking global do Airbnb.

Paralelamente, a chamada nova classe média ingressou recentemente na sociedade de consumo - e o carro, por exemplo, ainda é um símbolo de status por aqui. Demora um pouco até as pessoas se convencerem de que não precisam realmente comprar um, afinal a transformação cultural é sempre mais vagarosa do que as tecnologias. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- **GOLDMAN SACHS, 2020.** Millennials: Coming of Age. Disponível em: <https://www.goldmansachs.com/insights/archive/millennials/> Acesso em: 10/07/2020.

- **SUNDARARAJAN, Arun.** Economia compartilhada: o fim do emprego e a ascensão do capitalismo de multidão. Senac São Paulo, 2019.
- **HYDE, Lewis.** The Gift: Creativity and the Artist in the Modern World (English Edition) 25th Anniversary. Vintage, 2009.
- **CAMBRIDGE DICTIONARY, 2020.** Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/us/dictionary/english/gig-economy> Acesso em: 10/07/2020.
- **NASDAQ ENTREPRENEURIAL CENTER, 2018.** Faces of Entrepreneurship: Thomas McLeod, Founder & CEO of Omni. Disponível em: <https://thecenter.nasdaq.org/faces-of-entrepreneurship-thomas-mcleod-omni/> Acesso em: 10/07/2020.
- **PWC, 2020.** Sharing or paring? Growth of the sharing economy. Disponível em: <https://www.pwc.com/hu/en/kiadvanyok/assets/pdf/sharing-economy-en.pdf> Acesso em: 10/07/2020.

